

Luís Sttau Monteiro responde aos «Revolucionários» que eu conheci

“ACABO de ler a longa “desmistificação” da minha modesta pessoa que publicaste no teu semanário. Acho que o artigo revela um certo sentido do humor e, até, que tens por mim uma mal escondida, mas bem justificada, ternura. Entendo, por outro lado, que não sabes escolher fotografias. A que publicas de mim desmente a afirmação que fazes de que sou bonito e quem se mete nestas coisas tem de prestar a maior atenção aos detalhes.

“Não tivesses tu cometido um erro crasso e dito a tua asneirita aqui e ali e nem sequer te responderia. Faça-o sem rancor, com o único objectivo de rectificar os teus serviços informativos que, apesar de terem obtido da distântissima Moscovo a notícia palpitante de que eu era comunista, se esqueceram de certos eventos comecinhos ocorridos mesmo ao pé de ti, nesta cidade que tanto te esforças por alegrar.

“Para não me alargar excessivamente passo a examinar, ponto por ponto, a tua “desmistificação”:

“(1) É verdade que nos conhecemos em 1961 nas circunstâncias que relatas. É verdade que eu era, como ainda sou, um homem de esquerda, apesar das limitações que apontas acerca das minhas raízes. É verdade que não era comunista. Se hoje o sou, ou se o não sou, é coisa que vais continuar sem saber porque não me apetece esclarecer-te. Do que podes estar certa é de que não modifiquei em nada a minha maneira de ser, de ver, ou de actuar, desde esse ano já distante de 1961.

“(2) Com pequenas inexactidões de detalhe, é verdade o que contas acerca da minha pri-

são depois da revolta abortada de Beja. Como as inexactidões a que me refiro não afectam o fundo da história, que é verdadeira, não os comento. O que é triste, francamente triste, é a intenção com que a escreves, porque pretendeste fazer crer que eu me pavoneio com penas de “preso político” quando, na verdade, fui preso por ter passado a noite da revolução com uma mulher.

“É triste — na boca de outra pessoa até seria mais do que isso — porque quem te contou esta história a ti, fui eu.

“Contei-te esta história a ti e a centenas de outras pessoas. Não tenho um só amigo a quem a não tenha contado. O episódio diverte-me tanto que já o tenho contado em reuniões.

“Como não tenho o menor desejo de passar por mártir, nunca ocultei a quem quer que fosse a razão que estava na base da minha prisão nesse ano de 1962, que tão mal correu a tanta gente.

“Contei-a, porém, bem intencionadamente, porque sou bem intencionado.

“Tu, contaste-a mal intencionadamente, porque não és bem intencionada.

“Saíu-te o tiro pela culatra, porque não deste novidade nenhuma a ninguém.

“Para acabarmos com o assunto, dividimos a coisa ao meio: eu fico com o episódio, que é divertido e que é meu, e tu ficas com a atitude rasca que tomaste porque essa, sim, é só tua.

“(3) Nunca me considerei “perseguido político” nem disse a ninguém que o era ou que o tinha sido. Sou, apenas, um escritor cuja obra teatral esteve toda proibida até ao dia em que o Marcelo Caetano, embora

proibindo as restantes, libertou “As mãos de Abraão Zacut”:

“Como insinuas que as minhas peças não foram proibidas e que, agora, não são representadas, aqui fica, para esclarecimento dos teus leitores, uma brevíssima história de cada uma delas.

“*Felizmente há luar*” — Editada pelo “Jornal do Foro” em 1961, esta peça esteve sempre à venda, mas a sua representação foi proibida, em 1962, à Amélia Rey Colaço e ao Vasco Morgado. Posteriormente, foi proibida mais uma vez à Amélia Rey Colaço e sete vezes ao Vasco Morgado. Pelo motivo apontado, foi representada fora do País, primeiro em Paris, onde subiu à cena pela mão de um grupo de refugiados políticos e, depois, em Lyon, numa versão francesa. Depois do 25 de Abril, apesar de frequentemente instado, nunca autorizei a sua representação por estar à espera dum grupo que me interessasse. Subirá à cena, esta temporada, no teatro de Campolide e será transmitida pela RTP em Novembro.

“*O Barão*” — Apesar de manifestamente destituída de perigosidade política, esta peça, que não passa da versão teatral da novela do mesmo nome do Branquinho da Fonseca, foi proibida pela censura. Mais: estando ela pronta a estrear, a PIDE proibiu a continuação dos ensaios públicos que estávamos a dar, ameaçando os intervenientes com a prisão.

“*Todos os anos pela Primavera*” — Tive esta peça creio que um mês na gaveta por ter recebido um recado — sabes quem mo deu? — destinado a evitar a sua publicação. Como não actuo em função do que os outros pensam — sejam eles indi-

víduos ou Partidos — resolvi editá-la. Como não podia deixar de ser, foi imediatamente proibida e subiu à cena pela primeira vez em 1970, no Festival de Teatro de Pforzheim, em alemão. Depois do 25 de Abril foi representada várias vezes. A última vez que a vi foi há coisa de três meses, em Alhandra.

“*As mãos de Abraão Zacut*” — Esta peça foi escrita em 1967 na cadeia de Caxias e saíu “cá para fora” metida no fundo falso numa moldura feita de fóforos, queimados expressamente para esse efeito. O manuscrito — a peça foi escrita no isolamento, nas costas dos maços de cigarros que fumava — ainda existe. Proibida durante muito tempo, foi libertada durante a “primavera Política” do Marcelo Caetano e estreou-se numa encenação da Luzia Maria Martins a que se seguiu outra do João Guedes. Depois disso tem sido representada várias vezes.

“*A Estátua*” e “*A Guerra Santa*” — Escritas em 1967, estas peças foram apreendidas, com grande aparato policial, poucos dias depois de terem chegado às livrarias. A apreensão teve consequências desagradáveis, tanto para mim como para o editor: No que me diz respeito, estive vários meses em Caxias enfrentando um processo difícil e moroso em que fui acusado de ter traído a Pátria, para ficarmos por aqui. Podes crer que vivi dias de angústia e que me não facilitava a vida o facto de um deputado ter pedido ao Governo, na Assembleia Nacional, para que eu fosse severamente castigado e para que o meu caso se transformasse num exemplo para todo o País. O editor, por seu lado, viu a sua editorial fechada, selada e, mais tarde, encerrada definitivamente.

te. Julgo o caso ímpar, a menos que esteja mal informado. Uma outra consequência desagradável: o director da PIDE escreveu ao dono da empresa em que eu trabalhava afirmando-lhe que eu era “politicamente perigoso” e podia usar-me do escritório para fins políticos, colocando-o numa posição difícil. Como o homem, apesar de meu amigo, era estrangeiro e não podia correr riscos, dei comigo, à saída de Caxias, sem um tostão, desempregado e com filhos a sustentar: Se não perdeste a memória do que foi a vida de todos nós durante muito tempo sabes o que isto quer dizer...

“Fico por aqui porque, a continuar, ainda sou capaz de começar a pensar que sou um “perseguido político” quando, na verdade, não passo de um escritor cuja obra teatral esteve toda proibida até à libertação da peça “As mãos de Abraão Zacut”. Se quiseres mais detalhes sobre o que me aconteceu, podes dirigir-te ao Abranches Ferrão e ao Xico Zenha, já que ambos interferiram no meu processo e redigiram o pedido de “habeas corpus” que me viria a ser recusado. De qualquer forma, acrescento que a peça “A Estátua” foi transmitida pela RTP numa magnífica realização do Herlander Peyroteu.

“Resumindo:

“A) É inteiramente falso que eu alguma vez tenha escondido a melhor peça que escrevi — “Todos os anos pela Primavera” —, porque a mesma se encontra à venda, porque autorizei a sua representação e porque já subiu à cena várias vezes depois do 25 de Abril.

“B) É inteiramente falso que as minhas peças não estivessem proibidas e que não sejam re-

presentadas. Neste campo até me considero privilegiado, porque, apesar de já não existir a censura que impediu a minha gente de ver importantíssimas obras estrangeiras, estou a ser representado e muito.

“(4) Ainda sobre teatro, dizes que a ideia da minha peça “Felizmente há Luar” foi do meu amigo José Manuel Tengarrinha e que me chegou aos ouvidos por intermédio do José Cardoso Pires. Comunista e pérfido que sou, mal ouvi a “ideia”, larguei a correr, rumo à capelista da esquina, onde adquiri papel para escrever a minha peça antes do meu amigo José Manuel o fazer.

“A verdade, porém, é que nunca falei sobre as ideias do José Manuel Tengarrinha com o Cardoso Pires.

“A verdade, porém, é que não preciso, para nada, das ideias do meu Amigo José Manuel Tengarrinha, que não tem nada a ver com as tuas histórias.

“A verdade, porém, é que nunca suspeitei de que o José Manuel Tengarrinha quisesse escrever uma peça ou tivesse interesse pelo teatro. As únicas peças em que o vi metido eram domésticas e, nelas, quem efectivamente revelava ter talento histrionico não era ele — eras tu.

“Constato que, desde então, até o refinaeste.

“(5) Não posso dizer-te exactamente o que aconteceu ao tal tapete a que te referes porque não me lembro. Se me perguntassem onde ele está, diria que jaz algures num armazém do Vasco Morgado. Se o encontrares, não te esqueças de que a secretária que serviu na peça — uma secretária linda, da época

continua na pág. 20

«revolucionários» que eu conheci

Carta de
Luís Sttau
Monteiro

continuação da página 10

— é minha. É possível que esteja ao lado do tapete e gostava de voltar a tê-la. O que te posso dizer é que nem a secretária nem o tapete andam por esse mundo fora com a Maria.

“6) Para acabar com as histórias do teatro, vou fazer-te uma oferta. Insinuas que foi o Jacinto Ramos e não eu quem encenou “O Adorável Mentiroso”. A partir deste momento, podes pôr a insinuação de parte e dizê-lo abertamente, sem rodeios e sem panas na língua. Isto, porque serei eu próprio que o afirmarei se alguém me falar na peça o que é, diga-se de passa-

gem, extremamente improvável.

“É que ter ou não ter encenado “O Adorável Mentiroso”, é coisa que nem me honra nem desonra. É coisa que ninguém me gravará no túmulo e que escapará, inteiramente, a um hipotético e improvável biógrafo que um dia queira saber o que fiz na vida.

“Se quiseres, até podes dizer que foste tu quem teve a “ideia” e que ela me chegou aos ouvidos por intermédio dum amigo. Ou duma amiga. Ou dum gato. Escolhe tu, que estou fora do comboio.

“7) Tive, efectivamente, algumas notas de conto — infelizmente, muito poucas — debaixo da passadeira. A passadeira era minha. As notas também. Se me apetecesse metê-las debaixo da passadeira, era comigo. Se me apetecesse pô-las em cima da passadeira, comigo era. Sempre pus e vou continuar a pôr o que muito bem me apetece debaixo da minha passadei-

ra ou em cima da minha passadeira, sem te pedir autorização.

“Devias, porém, ter evitado dizer que eu não dava dinheiro à Maria, porque fizeste uma asneira. É que eu efectivamente, não dava dinheiro à Maria. Isto, porque a Maria defendia a tese de que sendo o homem igual à mulher, não há qualquer razão para que um deles viva à custa do trabalho do outro. Sabes, se ainda te lembras dela, que nisto não cedia. Por isso tinha um emprego, por isso se sustentava a si mesma. Por isso ficaria desesperiada se soubesse que me tinhas acusado de não lhe dar dinheiro.

“8) Dizes, em tom de gozo, que a Maria se dizia virgem. Podes pôr de lado o tom de gozo porque a Maria era, efectivamente, virgem. Sou, com o afirmas, um cavalheiro e, por isso, tirei sempre informações rigorosas das mulheres que conheci. Quando não eram virgens devolvia-as à procedência pelo mesmo correio. Era virgem e

continuou a sê-lo depois de me conhecer. Nós, os cavalheiros, regulamo-nos por velhos códigos medievais nestas coisas que envolvem a virgindade das damas. Se conheceres alguma virgem, manda-ma na certeza de que a devolvo em estado de virgindade.

“Não toco em virgens mas, por outro lado, também lhes não ofereço dinheiro — limito-me a plantar-lhe notas de conto debaixo das passadeiras, na esperança de que se reproduzam depressa e cheguem para dar de comer a todos.

“Alguma vez me portei mal contigo ou esbocei um gesto que pudesses interpretar como revelando, da minha parte, a menor intenção de te desflo- rar?”

“Sabes bem que não, porque, em matéria de virgens, ninguém me pode apontar nada.

“9) Ficaria por aqui — a carta vai longa — se não tivesses lançado sobre mim uma insinuação que dificilmente te perdoa-

rei. A única, de todas elas, que te levo a mal. Isto porque me conheces e sabes, por isso, que é uma infâmia. Refiro-me ao facto, que tenho por ascoroso, de me teres chamado “oportunista”. É coisa — e tu bem o sabes — que nunca fui nem serei. Nunca, antes do 25 de Abril, ou depois do 25 de Abril, fiz fosse o que fosse para ganhar um privilégio ou satisfazer um interesse. Nunca tive um subsídio, uma bolsa, um emprego estadual, uma viagem paga, uma “missão” ao estrangeiro, uma incumbência “cultural” ou fosse o que fosse — repito — que te desse o direito de me difamar.

“Nunca pedi para ser entrevistado, para ir à TV, para “vir no jornal” ou para me “vender” em termos pessoais.

“Nunca fui visto num ministério, numa repartição, numa reunião de Vips, num clube de favores.

“O meu ódio a tudo isto chega à própria vida social. Não

vou, senão muito excepcionalmente, a “cocktails”, festinhas, recepções, bailaricos, beberetes e reuniões.

“Este meu asco a tudo o que é mundano até me tem prejudicado pessoalmente, na minha vida particular, mas mante-nho-o inalterável, aconteça o que acontecer.

“Cheguei com as mãos limpas ao 25 de Abril e morrerei com elas limpas.

“Se alguma coisa deixo aos meus filhos, essa coisa é um exemplo flagrante e evidente dum “inoportunismo” que resistiu ao fascismo e sairá incólume da Democracia.

“Nesta altura da vida, ganhando diariamente, no duro, o pão que como, estou exactamente como estava quando me conheceste em 1961: não me vendo e nunca me venderei.

“E pronto, não tenho mais nada para dizer. Podes estar certa de que a tua “desmistificação” não afectou a minha

continua na pág. 22

continuações

Sttau Monteiro

continuação da página 20

que sempre tive e terei por quem partilhou comigo os três carapaus que tinha em casa quando eu não tinha nenhum, nem mesmo debaixo do tapete.

"Estas coisas não esquecem e ponho-as sempre no prato da balança, quando tenho de julgar alguém.

"Foi essa ternura antiga, Maria Armada, que me impediu de usar, nesta carta, o único talento que tenho — o da sátira — para te responder.

"Além disso, como sabes, sou um cavalheiro".

Luís de Sttau Monteiro

Nota de Vera Lagoa

Como vês, apesar de longa (o que é um grave inconveniente) publico toda a tua carta. Se te lembras dos três carapaus, também te debes lembrar de que nunca virei a cara.

Poderia contestar — e tu sabe-lo bem — ponto por ponto, mas a falta de espaço impede-me de o fazer. Há no entanto, um, o n.º 4, no qual insisto.

4) Sabias perfeitamente que o Zé Manel estava a escrever uma peça na prisão, tanto que a dedicatória de "Felizmente há luar" que fizeste no livro que lhe deste e deixaste em nossa casa naquela célebre manhã de 1 de Janeiro de 1962, é disso a prova.

Não me lembro dela textualmente, mas se o José Manuel continuar a ser como eu e a não

virar a cara (embora campos distantes nos separem), julgo que poderás enviar-me para este Jornal uma cópia. Quanto ao original da peça sobre Gomes Freire de Andrade está em meu poder e à disposição de quem o quiser ler. Agradeço-te a referência ao meu talento histriónico. Exageraste. Comparado com o teu, meu caro Luís, o meu é de amador de terceira ordem.

Passo por alto os outros pontos, mas não resisto ao

7) Qual era o emprego da Maria? Sempre a ouvi dizer que uma senhora não devia trabalhar e até te ouvi responder: "Pois é, deve passar os dias a ler a "Elle" e a "Marie Claire", com a tal ironia que dizes não ter usado na resposta que me deste em nome da ternura antiga.

Deves ter constatado (visto que deste por ela) que a tal "ternura antiga" me impediu de referir casos graves ligados à tua vida profissional e que me limitei a uma série de anedotas que até ilustra o teu histriionismo e o teu sentido do humor.

E fico-me por aqui. Mas, Luís, tu que foste tão preciso e presto nas respostas, esqueceste-te de focar aquela do colar de Grão-Mestre da Maçonaria! E foi pena, porque, de facto, era a melhor. Pelo menos, para mim.

Como balanço desta nossa troca de declarações de ternura, acho que fiquei a ganhar. Apesar da célebre entrevista com Costa Gomes (essa, Luís, definitivamente, não te perdoo), é-me grato, como directora deste Jornal, publicar um original de Sttau Monteiro.

Não me despeço afirmando-me uma senhora, por que, como sabes (tiveste uma educação primorosa) essa afirmação nunca deve ser feita pelo próprio. Além disso, como também deves saber, a partir de certa altu-

ra, neste País, passei a ser considerada um homem. Não um cavalheiro, porque não precisávamos deles. Um homem. Porque deles precisávamos. E sabes que mais? Continuamos a precisar.

Vera Lagoa

Análise económica

continuação da página 4

bastante afectado pela recessão turística internacional, devido à crise económica dos nossos principais fornecedores de turistas e à crise energética, mas outras razões há que lhe acrescentar e que são mais responsáveis pelo agravamento da nossa quebra turística. São essas razões, ainda, que estão na origem da quebra repetida em 1975, e no ano corrente, e que reconduziu o turismo português aos níveis de há dez anos.

Pode, assim, concluir-se que, embora a nossa situação económica tenha a ver com a crise do capitalismo, não é lícito nem correcto atribuir a esta a crise nacional. As causas de tal situação são outras, são conhecidas e resultam de factores internos. Há que detectá-las objectivamente pois só assim será possível adoptar as medidas mais adequadas. Isso, às vezes, implicará uma certa autocritica mas é preciso ter coragem para a fazer.

É necessário reconhecer, a par dos erros cometidos nos dois últimos anos, que a economia portuguesa continua a ser comandada por factores estruturais negativos que resultam mais da incapacidade dos homens para se adaptarem a situações novas do que da inexistência ou insuficiência dos meios materiais. Os fenómenos económicos são fundamentalmente fenómenos humanos e é a actuação dos homens que lhes imprime a orientação dominante: haver ou não recursos naturais, existir ou não um vasto território nacional, são factores que limitam a actuação dos homens mas não impedem que ela se manifeste e revele eficaz.

É certo que o aparecimento de situações extra-económicas podem retardar ou mesmo comprometer o desenvolvimento económico e levar a tomar opções incompatíveis com esse desenvolvimento, mas não constituem barreira intransponível como no-lo mostra a história económica. Os defeitos sociais pesam bem mais que os factores extra-económicos ou que os condicionamentos impostos pelas relações internacionais e pelas dificuldades que frequentemente arrastam.